

## **A RELEVÂNCIA DO PENSAMENTO DE ELISÉE RECLUS EM ÉTICA AMBIENTAL: CONTRIBUTOS PARA A DEFESA DO VEGETARIANISMO**

**Almeida, A.**

Escola Superior de Educação de Lisboa / Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais,  
aalmeida@eselx.ipl.pt

### Resumo

Elisée Reclus (1830-1905) foi um eminente geógrafo, cuja obra permanece pouco conhecida no domínio das Ciências Naturais. Todavia, os seus escritos contemplam também temas fora do âmbito da geografia, estando os que se relacionam com questões de natureza ambiental perfeitamente adequados à sua abordagem no referido domínio.

Fruto do interesse que a obra de Elisée Reclus nos despertou, deparámo-nos com dois textos dedicados a temáticas relevantes para as Ciências Naturais ou para a Educação Ambiental. São eles: “La Grande Famille” e, principalmente, “A Propus du Végétarisme”, respetivamente publicados em 1897 e 1901.

De um ponto de vista metodológico, trata-se de uma análise documental de teor qualitativo/interpretativo, fortemente influenciada pelos quadros teóricos nos domínios da Ecologia e da Ética Ambiental possuídos pelo autor do presente texto. Nesta análise, procurámos interpretar as ideias fundamentais do autor acerca do vegetarianismo, colocando-as em destaque, não deixando de as enquadrar no quadro global do seu pensamento. Esta interpretação foi ainda confrontada com a de outros autores, estudiosos da obra de Reclus, e verificámos se encontrar em total sintonia. Durante a apresentação de algumas das ideias de Reclus reveladoras do seu pensamento acerca do vegetarianismo, optámos pela inclusão das partes do texto original que as traduzem, para uma mais efetiva avaliação dos leitores da interpretação por nós efetuada.

Procuramos assim demonstrar o enorme interesse de alguns textos de Reclus para o campo das Ciências Naturais, até porque revelam uma atualidade indiscutível. Pensamos que a sua inclusão, por exemplo no contexto da abordagem da alimentação humana, possibilita discutir os impactos das nossas opções alimentares, associando a dimensão ética ao ensino das ciências. É assim neste contexto que textos como os de Elisée Reclus revelam todo o seu potencial, estimulando o pensamento crítico dos alunos e confrontando-os com ideias (ainda) minoritárias na sociedade.

Palavras-chave: Defesa dos Animais, Elisée Reclus, Vegetarianismo

## Introdução

Elisée Reclus (1830-1905) ganhou notoriedade científica como geógrafo nas últimas décadas do século XIX. Daí que o seu nome seja quase exclusivamente associado às ciências sociais e permaneça razoavelmente desconhecido no campo das ciências naturais. Todavia, a emergência do campo da ética ambiental, a partir da década de sessenta do século XX, contribuiu para dar maior visibilidade ao seu pensamento, cujas ideias foram consideradas precursoras de algumas correntes ambientalistas atuais. De facto, Reclus foi um homem avançado para a sua época. As suas ideias aproximam-se das da Ecologia Social<sup>4</sup>, corrente de que Murray Bookchin é o ideólogo contemporâneo por excelência, por defender que o domínio da natureza e dos animais pelo homem resulta da manifestação dos mesmos princípios de dominação, exploração e hierarquização dos seres humanos entre si. Daí também as suas posições a favor da igualdade feminina, da valorização dos povos nativos e da miscigenação racial e cultural entre os povos, condição que Reclus considerava essencial para o desenvolvimento da humanidade (Clark e Martin, 2013). Reclus foi também pioneiro ao assinalar as similaridades entre o racismo e o especismo, entendido como uma forma de discriminação ou desvalorização do outro baseada na espécie, ideia que encontramos recorrentemente nos defensores da ética animal, de que Peter Singer é um dos melhores exemplos.

Podemos também afirmar que o ideário ambientalista de Reclus se encontrava em consonância com o seu posicionamento político. Anarquista convicto, responsabilizava os poderes político e religioso pela imposição de uma autoridade que mutilava a associação livre dos grupos e dos indivíduos e que os impedia de agir em função das necessidades e interesses de todos e de cada um. Por isso, tal como salientam Clark e Martin (2013), para Reclus, o desequilíbrio social decorre da falta de liberdade e da tentativa de imposição de uma ordem estática num meio que é socialmente dinâmico. E Ferreira (2006) lembra-nos a sua ação como militante anarquista, traduzida pela colaboração em jornais, participação em debates e conferências e publicação de artigos, alguns de carácter panfletário. Já a sua participação na Comuna de Paris<sup>5</sup>, em 1871, experiência abortada com invulgar violência, resultou na sua prisão e exílio na Suíça.

Vários são os autores que enaltecem o carácter de Elisée Reclus, uma vez que, como salientam Borba et al. (2011), ele revelava uma total sintonia entre pensamento e

---

<sup>4</sup> Outra forma de olhar para esta relação é considerar Reclus o próprio fundador da Ecologia Social. Veja-se a este propósito a posição de Pucchase (1995).

<sup>5</sup> A Comuna de Paris foi um governo revolucionário que durou cerca de dois meses e que resultou do insurgimento da população da referida cidade contra as disposições governativas gravosas contra o povo, decorrentes dos gastos associados à guerra perdida pela França contra a Prússia.

modo de agir. Mas é na caracterização efetuada por Costa (1933), anarquista português que o conheceu pessoalmente, que encontramos a mais entusiasta descrição desta coerência. Costa (1933) descreve-o como uma figura moral, alguém que “nor-teia a sua vida pela concordância das ações e das palavras com o pensamento e que dirige os seus atos pensando mais no bem dos seus semelhantes do que em si próprio e de espírito alheio a riquezas ou honrarias” (p. 17 e 18). Estas são as características que todos nós, ativistas ambientais, gostaríamos de possuir e de saber incutir naqueles com os quais comunicamos, sejam eles alunos, colegas ou amigos.

#### Métodos

Fruto do enorme interesse que a obra de Elisée Reclus nos despertou, deparámo-nos com dois extraordinários textos por ele publicados e dedicados a temáticas relevantes para a atualidade. A pertinência destes textos decorre do seu conteúdo e igualmente da possibilidade da sua abordagem no âmbito de disciplinas de Ciências Naturais ou em projetos de Educação Ambiental, tanto no contexto do ensino não superior como superior. São eles: “A grande Família” (La Grande Famille) e, principalmente, “A Propósito do Vegetarianismo” (A Propus du Végétarisme), respetivamente publicados em 1897 e 1901.

A análise dos artigos referidos é de teor qualitativo/interpretativo, e foi fortemente influenciada pelos quadros teóricos nos domínios da Ecologia e da Ética Ambiental possuídos pelo autor do presente texto. O principal objetivo da análise foi a identificação do ponto de vista do autor acerca do vegetarianismo, não deixando de o enquadrar no quadro global do seu pensamento. Durante a apresentação de algumas das ideias de Reclus, optámos pela inclusão de partes do texto que as traduzem. As referidas citações tiveram por base a tradução dos textos originais para português do Brasil efetuada por Diogo Giménez em 2010 e compilados num documento único a que foi dado o nome “A anarquia e os animais”. Todavia, esta tradução foi aprimorada para português europeu e confrontada com os textos em francês, tendo ainda sido incluído o texto original em nota de rodapé. A inclusão de citações textuais em português e francês, sempre que tal foi possível, possibilita ao leitor o confronto entre a tradução e o texto original e igualmente a avaliação da justeza das interpretações por nós efetuadas. Estas interpretações foram ainda confrontadas com as de outros autores que têm analisado a obra de Reclus, com destaque para Clark e Martin (2013), principais responsáveis pela difusão do seu pensamento no mundo anglo-saxónico.

### Discussão

Se as ideias anarquistas de Reclus se podiam enquadrar num pensamento ideológico com expressão na segunda metade do século XIX, o seu pensamento acerca do impacto do ser humano na natureza é inovador para a época, embora não propriamente único<sup>6</sup>. Para Clark e Martin (2013), Reclus é principalmente responsável pela introdução de uma forte dimensão ecológica na tradição do anarquismo, em que a não dominação se estende para além das relações entre seres humanos, até aos outros seres vivos e à natureza em geral.

Reclus ficou célebre pela seguinte afirmação: “O Homem é a Natureza tomando consciência de ela mesma”<sup>7</sup>. Esta ideia reflete uma visão integradora do ser humano na natureza e interpretamo-la igualmente como reconhecimento da nossa complexidade, tradutora simultaneamente de uma enorme responsabilidade. Assim, para Reclus, a degradação da natureza é indissociável da própria degradação humana, e por isso afirma:

Os desenvolvimentos da Humanidade ligam-se da maneira mais íntima com a natureza circundante. Uma harmonia secreta estabelece-se entre a terra e os povos que ela nutre, e quando as sociedades imprudentes se permitem erguer a mão contra o que faz a beleza de sua região, elas acabam sempre por arrepender-se. (Reclus, 2010b, p. 90)

E salienta como a mutilação da natureza conduziu ao declínio de tantas civilizações, decorrente do esgotamento dos solos, do abate de florestas e das alterações climáticas provocadas.

Mas é na forma de olhar para as outras espécies animais que Reclus se afirma como um visionário de ideias que só décadas mais tarde começam a ter impacto na sociedade. Começa por salientar como as perceções na forma de olhar os outros animais se alteraram no denominado mundo civilizado quando comparadas com as dos povos primitivos: enquanto o primitivo se associava às outras formas de vida e via nelas companheiras numa associação fraterna, o homem civilizado domestica, escravizando os animais que coloca na sua esfera de domínio (Reclus, 2010a). Todavia, é acerca do uso de animais na alimentação humana que a visão de Reclus

---

<sup>6</sup> Nas consequências antropogénicas no meio natural, o pensamento de George Marsh, traduzido na sua obra *Man and Nature*, terá sido francamente influenciador das suas ideias, até porque foi responsável por uma recensão crítica da referida obra. Já em relação ao bem-estar animal, Elisée Reclus terá sido eventualmente influenciado pelas teses utilitaristas defendidas por Jeremy Bentham, no século XVIII, e desenvolvidas por John Stuart Mill, no século XIX.

<sup>7</sup> L’Homme est la Nature Prenant Conscience D’Elle-Même (in Clark e Martin, 2013).

se revela particularmente aliciante pela ousadia do seu pensamento. De facto, visto por todos como um exemplo de coerência, é sem surpresa que lemos o seu panfleto revolucionário em defesa do vegetarianismo, revelador de uma atualidade sem precedentes.

Foram várias as experiências marcantes no decurso da sua infância que contribuíram para o tornar vegetariano. Reclus conta-nos que, um dia, alguém da sua família lhe pediu para ir comprar carne ao talho. No decurso dessa compra entrou no quintal onde ficavam os carneiros, um quintal sinistro “onde passavam homens assustadores, tendo à mão grandes facas que limpavam em seus aventais salpicados de sangue (Reclus, 2010a, p. 6)<sup>8</sup>. Descreve que perante este horror desmaiou e algum talhante teve de o transportar a casa. Outra cena marcante foi ter vivenciado o ritual da matança do porco, levada a cabo agora por camponeses, açougueiros de ocasião, que descreve como ainda mais cruéis, visto que sangravam a vítima lentamente, como se de tal dependesse a qualidade da confeção subsequente. Destes massacres lembra o grito dos animais, um choro contínuo, quase humano, idêntico ao de uma criança. Por vezes estas matanças eram origem de dramas rurais, quando alguém encarregado de criar um animal a ele se afeiçoava. E assim lembra a sua tia-avó, que, opondo-se ao assassinato de um seu gordo amigo, viu a multidão da vila invadir o chiqueiro para que se cumprisse o destino. Perante tal situação partilha connosco o que sentiu na altura: “Eu fiquei ao lado dela e observei o choro, não sabendo se deveria compartilhar o seu pesar ou acreditar junto com a multidão que a degola do porco era justa, legítima, comandada pelo bom senso”<sup>9</sup> (Reclus, 2010a, p. 7).

Todavia, Reclus salienta que a influência destas experiências marcantes tende a atenuar-se pela via da educação, empreendimento que considera conduzir o indivíduo à mediocridade, retirando dele tudo o que o poderia transformar numa pessoa.

Os pais, os educadores, oficiais e voluntários, os médicos, sem contar o indivíduo poderoso ao qual chamam de ‘todo o Mundo’, trabalham juntos para endurecer o carácter da criança a respeito desta ‘carne sobre patas’, que no entanto ama como nós, sente como nós, e também pode progredir sobre nossa influência, a menos que regrida connosco.<sup>10</sup> (Reclus, 2010, p. 7)

---

<sup>8</sup> ... où passaient des hommes effrayants, tenant à la main de grands couteaux qu'ils essuyaient sur des sarreaux aspergés de sang (Reclus, 1901, p. 1).

<sup>9</sup> Je me tenais à côté d'elle et je voyais ces pleurs, ne sachant si je devais compatir à sa peine ou croire avec la foule que l'égorgeement du porc était juste, légitime, commandé par le bon sens aussi bien que par le destin (Reclus, 1901, p. 1).

<sup>10</sup> Les parents, les éducateurs, officiels et bénévoles, les médecins, sans compter le personnel si puissant qu'on appelle « Tout le monde », travaillent de concert à endurcir le caractère de l'enfant à l'égard de cette « viande

As experiências de carnificina vivenciadas por Reclus são praticamente impossíveis de ser presenciadas na atualidade. A maioria das nossas crianças, principalmente de meio urbano, desconhece a origem da carne que come, e os adultos tendem a ignorar igualmente essa origem face às técnicas de invisibilidade adotadas na produção animal. Os matadouros querem-se longe, de preferência em locais isolados, algo a que Reclus já fazia referência, um pouco como os novos cemitérios, na procura de esquecer a condição humana. Além do mais, a carne meticulosamente metida em embalagens, fruto do desmonte dos animais, só raras vezes permite uma efetiva associação com a origem do que se come. A realidade no século XIX, se menos sofisticada, não se encontrava isenta de técnicas de dissimulação: “[Os açougueiros] têm a audácia de colocar guirlandas de rosas por sob as carnes penduradas, e a estética está salva!”<sup>11</sup> (Reclus, 2010a, p. 8).

Reclus apoia as suas ideias de chacina dos animais comparando-a ao comportamento dos homens na guerra. É espanta-se como homens educados pelos princípios de justiça e bondade são capazes de cometer as maiores atrocidades quando em combate.

Eles são gente que se nos assemelha, que estudam e leem como nós, que têm irmãos, amigos, uma esposa ou uma noiva; e, mais cedo ou mais tarde, nós podemos ter a oportunidade de conhecê-los, de apertar a sua mão sem encontrar os vestígios do sangue vertido!<sup>12</sup> (Reclus, 2010a, p. 8)

E, em comparação com o que se passa na nossa relação com os animais, afirma: “Eles também entram sem repugnância nos matadouros onde se escorrega sobre o pavimento avermelhado e onde se respira o odor insípido e doce do sangue!”<sup>13</sup> (Reclus, 2010a, p. 8). E conclui:

Não há portanto grande diferença entre o cadáver de um boi e o de um homem. Os membros amputados e as entranhas misturando-se umas com as outras parecem-se muito. (...) Não é uma digressão mencionar os horrores da

---

sur pied », qui pourtant aime comme nous, sent comme nous, et pourrait progresser aussi sous notre influence, à moins qu'elle ne régresse avec nous (Reclus, 1901, p. 1).

<sup>11</sup> les bouchers (...) ont l'audace d'enguirlander de roses les chairs pendantes, et l'esthétique est sauvée ! (Reclus, 1901, p. 1)

<sup>12</sup> Ce sont des gens qui nous ressemblent, qui étudient et lisent comme nous, qui ont des frères, des amis, une femme ou une fiancée; et, tôt ou tard, nous sommes exposés à les rencontrer, à leur serrer la main sans y retrouver la trace du sang versé! (Reclus, 1901, p. 1)

<sup>13</sup> Eux aussi entrent sans répugnance dans les boucheries où l'on glisse sur le pavé rougeâtre et où l'on respire l'odeur fade et sucrée du sang! (Reclus, 1901, p. 1)

guerra em conexão com o massacre de gado e os banquetes para carnívoros.<sup>14</sup> (Reclus, 2010, p. 8)

Reclus não conheceu naturalmente a sofisticação dos modernos processos de carnificina da produção animal contemporânea. Não os vamos aqui descrever, até porque os mesmos se encontram descritos de forma exemplar por Singer (1990) e Joy (2009), por exemplo, para além de existirem vários vídeos no *Youtube* que os retratam de forma fidedigna, quase sempre acompanhados da menção de que o seu visionamento pode ferir a sensibilidade. Mas já se incomodava com os processos de seleção artificial aplicados a praticamente todos os animais domésticos. Exemplifica com o boi

que nós vemos hoje em dia se movendo com dificuldade nos pastos, transformado pelos criadores em uma enorme massa ambulante de formas geométricas, como se tivesse sido desenhado previamente pela faca do açougueiro. E é à produção destes monstros que nós aplicamos o termo “criação”.<sup>15</sup> (Reclus, 2010a, p. 7)

Reclus acaba por defender a exclusão dos animais da alimentação humana por duas razões que importa salientar. A primeira relaciona-se claramente com o sofrimento que provocamos nos “nossos irmãos ditos inferiores”; a segunda, porque importa abolir a feiura nos atos da vida das pessoas. E dá exemplos: a feiura manifesta-se no engenheiro que aprisiona uma cascata, no lenhador californiano que abate uma árvore de quatro mil anos, no naturalista que espeta as borboletas numa sua caixa, na prática da vivissecção... “A feiura nas pessoas, nos atos da vida, na natureza circundante, eis o inimigo por excelência. Tornemo-nos belos e que a nossa vida seja bela!”<sup>16</sup> (Reclus, 2010a, p. 10).”

Daí que neste ideal de vida, que encerra uma importante dimensão estética, o nosso regime alimentar deve ser o vegetarianismo, mais concretamente o ovolactovegetarianismo, talvez porque na sua época a produção de leite e ovos não encerrava os contornos de horror da atualidade. E assim Reclus defende o consumo

---

<sup>14</sup> Y a-t-il donc si grande différence entre le cadavre d'un boeuf et celui d'un homme. Les membres coupés, les entrailles entremêlées de l'un et de l'autre se ressemblent fort. (...) Ce n'est point une digression de mentionner les horreurs de la guerre à propos des massacres de bétail et des banquets pour carnivores (Reclus, 1901, p. 1).

<sup>15</sup> ...que nous voyons maintenant se mouvoir péniblement dans les prairies, transformé par les éleveurs en énorme masse ambulante aux formes géométriques, comme dessinées d'avance pour le couteau du boucher. Et c'est à produire des monstres pareils que nous appliquons l'expression d'« élevage »! (Reclus, 1901, p. 1)

<sup>16</sup> La laideur dans les personnes, dans les actes, dans la vie, dans la nature ambiante, voilà l'ennemi par excellence. Devenons beaux nous mêmes et que notre vie soit belle! (Reclus, 1901, p.1)

de ovos, grãos, frutas, ou, de uma forma mais genérica “os produtos da vida animal e da vida vegetal que representam nos organismos a prisão temporária da vitalidade e a concentração dos elementos necessários à formação de novas vidas”<sup>17</sup> (Reclus, 2010a, p. 10 e 11). Esta é a forma de o homem se alimentar sem matar o ser que deu origem aos alimentos consumidos, visto serem formados entre duas gerações.

### Conclusões

Após a análise dos textos de Reclus, pensamos que os mesmos revelam um potencial educativo evidente. Todavia, devemos clarificar algumas ideias quanto à sua utilização no contexto do processo de ensino aprendizagem.

Como professores de Ciências Naturais, reduzimos frequentemente o tema da alimentação humana a uma questão de dosagem de nutrientes, que a insuportável mas bem intencionada roda dos alimentos materializa de forma exemplar. Não abusar dos doces ou evitar as carnes gordas são exemplos de mensagens frequentes. Já como educadores ambientais perdemo-nos nas considerações igualmente bem-intencionadas da poupança dos recursos e da energia, e esquecendo-nos dos impactos ecossistêmicos das opções alimentares humanas, ignorando ainda a dimensão ética a elas associadas. E, por isso, acabamos por reproduzir o ideário dominante na sociedade, ignorando o potencial da escola para colocar os estudantes perante formas diversas de olhar o mundo. E é neste contexto de normalização ideológica que textos como os de Elisée Reclus revelam todo o seu potencial provocatório, e identificamo-nos com a sua visão solidária para com os que sofrem, sejam eles seres humanos ou não humanos.

Mais de um século passou desde que Reclus escreveu a sua defesa do vegetarianismo. Um século em que progredimos nas formas de chacina de animais sencientes, em que mais uma vez compreendemos, como salienta Jonas (1984), que o progresso de uma técnica é uma afirmação descritiva, e não um juízo de valor.

Joy (2009) ajuda-nos a descobrir os 3Ns que o ideário dominante nos impõe sem contraditório e que nos leva ao convencimento de que a produção animal é algo indispensável. Comer carne é assim normal, natural e necessário. E importa lembrar alguns qualificativos com que os vegetarianos ainda são olhados por muitos: gente estranha, exótica, radical. Afinal, tudo o que é diferente é sempre objeto de desconfiança e até algum incómodo. E depois, repare-se como é desigual o esforço imposto pela sociedade a quem segue, ou tenta seguir, regimes alimentares

---

<sup>17</sup> ... les produits de la vie animale et de la vie végétale qui représentent à la fois dans les organismes l'arrêt temporaire de la vitalité et la concentration des éléments nécessaires à la formation de vies nouvelles (Reclus, 1901, p. 1).

alternativos. Por exemplo, no caso de pretendermos optar por um prato vegetariano, é fácil constatar como a oferta é sempre desigual, e, frequentemente, inexistente.

Pode ficar-se com a ideia que defendemos de forma acrítica o pensamento de Reclus, e que pretendemos inculcar a transformação rápida dos hábitos alimentares. Nada disso, até porque entre o vegetarianismo e o carnismo, termo introduzido por Joy (2010), há uma série de possibilidades. E também não somos insensíveis aos argumentos de que uma produção sustentada do gado pode ter o seu lugar, e até ser revelante na produtividade agrícola e contribuir para a integridade dos sistemas rurais, como nos alerta Niman (2014). Só que esta defesa da ruralidade pouco se assemelha à realidade da produção animal, em que considerações sobre o bem-estar animal são sempre um empecilho ao lucro rápido.

Nos países desenvolvidos, entre as populações mais literadas, há muito que o carnismo perdeu peso. Mesmo entre os não vegetarianos, há cada vez mais céticos do carnismo por razões de saúde humana, bem-estar animal e impacto ecossistémico. E esta é uma oportunidade a que a escola não se pode aliar fazendo com que, quem sabe um dia, o consumo de carne, pelo menos nas quantidades em que a mesma ocorre, deixe de ser normal, natural, até porque de facto não é necessário. E talvez num futuro não muito longínquo o pensamento seguinte de Reclus se materialize: Da mesma maneira que os nossos ancestrais deixaram de ser canibais e se enojaram por comer carne dos seus semelhantes, um dia deixaremos de escutar os balidos, mugidos, grunhidos e gritos dos animais que levamos para o matadouro.

#### Referências bibliográficas

- Borba, B., Silva, C., Wenceslau, L. e Borba, M. (2011). Apontamentos sobre Elisée Reclus, Vegetarianismo e Geografia: Dimensões Éticas e Ecológicas em seus escritos Geográficos e Anarquistas. In *Mémoires do Colóquio Internacional: Elisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo*. S. Paulo: Universidade de S. Paulo. Acedido a 2 de abril de 2015 em: <http://redebrasilis.net/MemoriasReclusSP2011/borbaetal.pdf>
- Clark, J. e Martin, C. (2013). *Anarchy, Geography, Modernity*. Oakland (CA): PM Press.
- Costa, E. (1933). Elisée Reclus. Uma Figura Moral. Lisboa: Cadernos da Seara Nova. Acedido a 2 de abril de 2015 em: [http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/components/com\\_library/texts/7\\_BNP\\_AHS772.pdf](http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/components/com_library/texts/7_BNP_AHS772.pdf)
- Ferreira, J. M. (2006). Elisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia. *Verve*, 10, 109-134.

- Jonas, H. (1984). *The Imperative of Responsibility. In Search of an Ethics for the Technological Age*. Chicago: The University of Chicago Press. (Publicado originalmente em alemão em 1979)
- Joy, M. (2010). *Why we love dogs, eat pigs and wear cows. An Introduction to Carnism*. San Francisco (CA): Conari Press.
- Nimam, N. H. (2014). *Defending Beef. The Case for Sustainable Meat Production*. Hartford (VT): Chelsea Green Publishing.
- Purchase, G. (1995). Preface. In E. Reclus. *Man and Nature*. Acedido a 2 de abril de 2015 em: <https://libcom.org/files/Reclus%20-%20Man%20and%20Nature.pdf>
- Reclus, E. (2010a). *A anarquia e os animais*. Acedido a 2 de abril de 2015 em: <https://we.riseup.net/assets/159562/%C3%89lis%C3%A9e%20Reclus%20a%20anarquia%20e%20os%20animais.pdf>
- Reclus, E. (2010b). Do sentimento da natureza nas sociedades modernas. S. Paulo: Editora Imaginário. (Publicado originalmente em francês em 1866)
- Reclus, E. (1901). À propos du végétarisme. *La Réforme Alimentaire*, V (3), 37-45. Acedido a 2 de abril de 2015 em: <http://bibliodroitsanimaux.voila.net/eliseereclus.html>